



## Corpos tatuados: desejo de memória em completude

### Tattooed bodies: desire for memory in completeness

**Marlene Brito de Jesus Pereira**

Faculdade Ruy Barbosa - Wyden  
Universidade Católica de Salvador

**Elaine Pedreira Rabinovich**

Universidade Católica de Salvador  
Brasil

#### Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar vivências e significados de tatuagens a partir de narrativas de sujeitos adultos e idosos, com base em uma abordagem interdisciplinar. Questionamos: do culto ao corpo jovem, da exigência do labor do corpo adulto e da hipervigilância do corpo envelhecido, qual a significação do corpo tatuado em idades tão díspares? Realizamos uma descrição das narrativas de adultos e idosos com corpos tatuados a partir de um desenho de pesquisa qualitativa. Participaram da pesquisa 15 adultos com idades entre 22 e 67 anos em duas capitais brasileiras, Salvador e São Paulo. Entre as ideias conclusivas estão, de um lado, a tatuagem como metamorfose, liberdade e afirmação de si e, de outro, significações que ressaltam a tatuagem como desejo de memória em completude, uma forma de fazer do corpo lugar de arquivo ou o próprio corpo como arquivo de memória completa.

**Palavras-chave:** corpo; tatuagem; impressão; desejo; memória.

#### Abstract

This paper aims to present experiences and meanings of tattoos, from narratives of adult and elderly subjects, based on an interdisciplinary approach. We question: the cult of the young body, the demand of the labor of the adult body, and the hyper vigilance of the aged body, what is the meaning of the tattooed body in such disparate ages? We describe the narratives of adults and the elderly with tattooed bodies from a qualitative research design. Fifteen adults aged between 22 and 67 years participated in the research in two Brazilian capitals, Salvador and São Paulo. Among the concluding ideas are, on the one hand, the tattoo as a metamorphosis, freedom and affirmation of self and, on the other hand, meanings that emphasize the tattoo as a desire for memory in completeness, a way of making the body a place of archives, or the body itself as a full memory file.

**Keywords:** body; tattoo; print; desire; full memory.

Em nossos dias, a impressão que temos é que a tatuagem saiu dos porões, dos cantos escuros e peles excluídas para ganhar estatuto de beleza, transitar como uma arte exposta no corpo. Se, em tempos outros, o uso da tatuagem esteve ligado às condutas periféricas de marinheiros, sujeitos marcados ligados a práticas ilícitas ou à margem social, hoje ela é uma impressão que causa impressão em nossos espíritos,



repete-se em corpos de jovens, adultos e idosos com profissões e modos de vida diversos, a exemplo de intelectuais, acadêmicos, artistas, esportistas, donas de casa, pessoas comuns, entre outros. Já se afirma que a tatuagem é uma arte corporal e muito se diz que ela se tornou moda. A palavra impressão aqui é utilizada para nos levar a dois caminhos: o primeiro se refere à sua etiologia, que vem do latim *imprimere*, e carrega o sentido de aplicar com pressão, fazer uma imagem em, ou ainda, deixar um sinal, uma marca em alguma coisa. O segundo se refere à impressão que corpos tatuados causam aos olhos dos outros, ou sobre o abalo diante de uma marca encarnada.

Contudo, antes de abordar o uso da tatuagem como impressão, uma discussão sobre o corpo se faz necessária. A superfície corpórea é lugar de sensações: de prazer, dor, certeza de equilíbrio; sentimentos de medo, alegria, tristeza, raiva... São apreensões do real trazidas pelo corpo, guiadas como uma bússola da consciência de si. Mas parece que o alcance desta consciência não percorre uma direção conhecida. Há uma confusão entre caminhos, não há lugar seguro. Provocações trazidas por Ortega (2008), em *O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*, ao ressaltar que, nas experiências contemporâneas, a incerteza do corpo traduz-se pela forma como este é tratado: ora objeto de controle, ora vulnerável a toda experiência de desafio e risco. Para o autor, esta condição está mais próxima à ideia "do corpo submetido à submissão do corpo" (p. 30).

Em um corpo submetido prevalece o esvaziamento da consciência de si; trata-se de uma espécie de assujeitamento. Este assujeitar-se acontece quando nos rendemos à interação do capital com as biotecnologias; quando nos assujeitamos a uma norma higiênica, aos discursos sobre o dever de cuidar do corpo. Nesse sentido, somos levados a tornar o corpo mais ativo ou mais saudável a qualquer preço. São práticas bioascéticas (Ortega, 2008), ou uma biossociabilidade apolítica, performática, geridas por critérios ou regimes de ocupação do tempo. Os cuidados com a saúde, com a higiene do corpo, com a estética corporal estão guiados por controles: dietas, *fitness*, cirurgias estéticas, implante de silicone, etc. O corpo jovem tem *status* elevado, o corpo malhado e o corpo escultural sustentam a busca de uma estética ideal. Para o autor, essas práticas bioascéticas nos levam a construir uma bioidentidade somática, que produz um si mesmo indissociável do labor sobre o corpo. Surge um si mesmo superficial, melindroso e incerto.

Ortega (2008) descreve o corpo contemporâneo como instrumento de ausência e, ao mesmo tempo, de busca de significado da consciência de si. O sujeito faz da superfície corpórea um território de linguagens. Sua crítica está mais para o corpo que se submete a tecnologias e modismos e menos para o corpo submetido que reage como uma espécie de negação aos modismos.



Anterior aos estudos de Ortega (2008), o francês Le Breton (2002) abordou, numa perspectiva interdisciplinar, o estudo do corpo. Para ele, a estética corporal ocupa lugar privilegiado nos interesses da vida. Psicólogo de formação, buscou a antropologia e a sociologia para investigar os usos do corpo. De um lado, ele já apontara o silicone, o *botox*, as plásticas, a lipoaspiração, etc., como uma ocupação em voga e protagonizada para o encontro da beleza. Estas práticas são conexões com próteses que afirmam o faz-de-conta da bela forma corporal. Do outro lado, estão os não magros, ou de pouca saúde, e os envelhecidos. O autor provoca um refletir sobre a falta de um corpo coletivo, porque vemos aparecer o corpo individual, aquele que cada sujeito vai expondo, ou fazendo-se não visível. Le Breton (2002) diz que "Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social: qualquer confusão introduzida na configuração do corpo é uma confusão introduzida na coerência do mundo" (p. 30).

E o que dizer da impressão corpórea, da tatuagem que toma o corpo em consagração?

Em *Signos da identidade*, Le Breton, (2002) ressalta a tatuagem como um cartão de visita. Uma marca que confirma a presença. Na segunda metade do século XX, entre os anos 70 e 80, o corpo tornou-se vitrine de impressões: "a expressão corporal, a *body art*, o aparecimento de novas terapias proclamando a vontade de se ligar somente ao Corpo" (Le Breton, 2002, p. 17). O corpo é o lugar de novas imagens: tatuagens, *piercings*, cirurgias estéticas que afirmam modificações duradouras, e que aqui pomos em relevo: a tatuagem. Para o autor, corpos tatuados são como palcos para manifestação, crítica aos controles e aviso sobre o apogeu do Eu, em uma tentativa alucinada de pertencer a um *ethos* coletivo.

Para Ortega (2008), a tatuagem pode ser compreendida pelo corpo incerto. Porque tatuar é um modo de atuar que faz o sujeito tornar-se visível. Tatuar é uma forma inconsciente de constituir um espaço coletivo. Aparece porque ela "fornece a ilusão de uma estabilidade cultural e social e são tipicamente usadas em situações em que as pessoas sentem a necessidade de preservar suas identidades individuais e sociais" (Ortega, 2008, p.61). No dizer do autor, os sujeitos buscam os limites do corpo, no afã de encontrar uma nova relação com o real. Porque a ordem simbólica do viver em sociedade se esvaziou pelo culto ao individual. "O simbólico é reduzido ao real, ele é incorporado, encarnado" (Ortega, 2008, p. 62).

Le Breton (2002) e Ortega (2008) convergem para significar a tatuagem como busca de uma nova ordem simbólica e movimento de pertença social. O primeiro autor realizou investigações com quatrocentos jovens franceses, o que lhe permitiu apontar a impressão da tatuagem no corpo como signo identitário. Em culturas industrializadas como a nossa, o corpo adolescente e jovem tem um *status* elevado, o



corpo escultural é matriz de uma estética ideal e o corpo envelhecido aparece como imagem da falta (Ortega, 2008).

Estas investigações nos levaram a pensar sobre diferentes maneiras de lidar com o corpo, a partir das experiências dos sujeitos não jovens, ou com idades em que o corpo perde estatuto de beleza e valor social. Poucos ou quase nenhum idoso foi incluído em pesquisas realizadas com tatuagens. Este artigo pretende discutir vivências e significados de adultos e idosos com corpos tatuados, ressaltando as narrativas dos sujeitos a partir de imagens impressas em seus corpos. Nossas investigações se distanciaram das perspectivas que abordam o uso da tatuagem às situações de risco, estigmas ou doenças. Utilizamos os estudos sobre corpo e identidade pela antropologia de Le Breton (2002; 2003) e Ortega (2008), estudos acerca do ciclo de vida pela psicologia do desenvolvimento de Erikson (1976; 1998) e a teoria psicanalítica de Derrida (2001) no que concerne às significações do desejo. Pretendemos apresentar diferentes impressões corpóreas para dirimir exclusões e aprimorar formas de compreensão sobre tatuagens impressas no corpo. Investigamos 10 adultos e 05 idosos com destaque para o uso da tatuagem/tatuagens como uma linguagem em comunicação ou de diferentes modos do sujeito apresentar-se.

### **Tatuagem: breve história e impressões contemporâneas**

O uso da tatuagem data de mais de 5.400 anos a. C. Estudos recentes realizados em duas múmias, um homem, conhecido como Homem de Gebelein A e uma Mulher Gebelein, que haviam sido encontrados na segunda metade do século XIX em Gebelein, no sul do Egito, revelaram a impressão de tatuagens em seus corpos. As tatuagens do Homem de Gebelein A trazem impressas, em seu braço direito, duas imagens animais com chifres, que os especialistas atribuem a um touro ou carneiro: estes carregam o significado de força e poder para os egípcios; as tatuagens da Mulher Gebelein estão impressas no ombro e no braço direito e revelam sequências de símbolos semelhantes à letra S. É a mais antiga mulher tatuada que se tem notícia (Revista Pesquisa FAPESP, 2018). Estes achados destacam que o uso da tatuagem como impressão corpórea é anterior ao período do esqueleto humano Otzi, (4.500 a. C.), encontrado pelos alpinistas na região dos Alpes da Itália, em que foram observadas 57 tatuagens no corpo, revelando que os europeus praticavam a tatuagem terapêutica (Renaut, 2014). Esses achados indicam que, desde tempos muito remotos, pessoas imprimem pinturas e símbolos em seus corpos, e a tatuagem como inscrição no corpo não é um fenômeno novo ou advento dos nossos dias. A descoberta de múmias tatuadas em vários lugares ao redor do mundo (Sibéria, Peru, Filipinas) confirmou o uso da tatuagem atribuída aos hábitos e práticas sociais de várias



sociedades (Galliot, 2014). Em diferentes culturas, a história da tatuagem esteve mais próxima a rituais coletivos e práticas de cuidado com o corpo. No século II, tatuar o corpo era uma prática religiosa para os sírios e estava ligada a um devir sagrado; os povos polinésios, maori da Nova Zelândia, indonésios e filipinos, também se tatuavam para realizar rituais ligados às suas crenças religiosas. Outros povos se tatuavam por práticas ligadas à beleza, como as mulheres egípcias, da Arábia, do norte da África e nordeste da Grécia. Elas se tatuavam do mais que os homens, porque a elas era permitido decorar o corpo (Renaut, 2014). Já em Roma, tatuar o corpo era uma prática ligada aos escravos e à depreciação da imagem corporal.

A tatuagem ganha território de valor a partir de mudanças históricas fundamentais. No período da Idade Média, tatuar o corpo passou a ser uma prática mal vista na Europa. Crenças ligadas à Igreja Católica ressaltaram a sacralidade do corpo. O corpo não pertencia exclusivamente aos sujeitos, mas ao divino, portanto, não autorizado pelos sujeitos a qualquer modificação. Nesse sentido, a tatuagem passou a ser vista como uma prática demoníaca, ligada à tirania do mal (Le Breton, 2002).

O ocidente conheceu a tatuagem através de viajantes marinheiros que participavam de expedições e incorporavam tradições de diferentes culturas deixando-se tatuar. Esta prática causava impressão e despertava a curiosidade e admiração de muitos. As impressões no corpo geralmente tinham a finalidade de proteção, lembrança de um amor deixado em terra ou de histórias que viveram. No Brasil, os primeiros registros de impressão no corpo foram vistos através dos indígenas Caduveos. Eles marcavam os brasões hierárquicos entre si e a tatuagem era parte do corpo, sem a qual o corpo não tinha beleza, não era atraente (Barros, 2015).

Para compreensão quanto às diferentes formas como a tatuagem tem sido utilizada e rejeitada ao longo dos anos, Le Breton (2002) recorda que a Renascença provocou uma mudança fundamental em relação ao sujeito e seu corpo. Na Europa, entre o século XIV e o século XVI, houve uma separação entre o sujeito e o corpo como lugar de demarcação, diferenciando-o da natureza, ou seja, natureza e sujeito passaram a ser vistos como diferentes e, mais ainda, a natureza deixou de ser cosmos, ela passou a ser ambiente, afastada do sujeito. O dualismo entre alma e corpo confirmou a separação entre o sujeito e o seu corpo. Essas mudanças levaram a constituir uma ideia de corpo na modernidade que consolidou uma completa partição.

No Ocidente, no fim dos anos 60, o corpo se impôs como signo comum a todos. Entre os anos 70 e 80, houve mudanças na cultura de massa e tatuar o corpo passou a ser uma expressão muito utilizada pelos jovens.

Em nossos dias, as investigações que se referem ao cuidado com a saúde do corpo destacam a tatuagem ligada a comportamentos de risco e exposição a doenças.



Estudos estadunidenses em medicina, por exemplo, afirmam riscos e complicações de saúde associados à tatuagem e outras modificações corporais (Armstrong, Deboer & Celta, 2008). Também têm sido comuns os estudos que relacionam corpos tatuados com comportamentos desviantes dos jovens, a exemplo do uso de substâncias psicoativas.

Outros estudos ressaltam a tatuagem como uma estética inovadora, a exemplo da pesquisa antropológica realizada no Brasil por Fonseca (2003), na cidade de Florianópolis-SC, sob o título: Tatuagem e ser Tatuado "Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem" Estúdio: Experience Art Tattoo. O corpo tatuado não é tido como estigma, ou colocado em risco, aparecendo como aquele que convoca um olhar pela beleza, em que desejo e ação se aproximam.

Oliveira Dias (2014) investigou jovens tatuados na cidade de Mossoró, RN, ressaltando a noção de corpo entre o saber, o poder e a identidade dos sujeitos. A tatuagem aparece como um instrumento para afirmação de liberdade. O desejo imprime-se sobre a pele como prática de aferição de autonomia sobre o corpo dos sujeitos.

Barros (2015), em perspectiva de estudo acerca da arte e *design*, investigou na cidade do Recife, PE, a influência das tatuagens nas formas de construção e manutenção da identidade de modos de vida urbanos. Na análise de Barros (2015), o corpo tatuado busca o coletivo para alcançar o singular. Pertencer a grupos tatuados remete o sujeito ao conhecimento de si. Ao se reconhecer como também tatuado, o sujeito reconhece o que é dele e do outro.

Essas investigações revelam que a impressão da tatuagem no corpo não está mais exclusivamente ligada a uma ideia de marginalidade ou a específicos segmentos sociais de condutas desviantes, articulando-se por movimentos estéticos e políticos sociais em contraposição às normas sociais e controles reguladores.

Intensificadas, principalmente no fim do século XX, as impressões corporais, e aqui em destaque, a tatuagem, suplantam os estigmas de marginalidade e entram como práticas de linguagens em comunicação.

### **Corpo em impressões: anúncios de um corpo dividido...**

Para Le Breton (1990) "O corpo da modernidade é um corpo dividido" (p. 17), a divisão resultou de influências causadas pela Renascença, período em que o corpo passou a ser tido como uma construção pessoal, um objeto transitório e manipulável, suscetível de mudanças, metamorfoses geradas de acordo com o desejo dos sujeitos. O corpo tornou-se estética e moral da presença. Tornou-se possível dizer: minha alma e meu corpo, ou quando a cabeça não pensa, o corpo padece. O corpo é objeto de



anúncio entre o sujeito e o que ele pode se tornar. O corpo ganha estatuto singular: qualquer impressão no corpo passou a anunciar o que outrora os sujeitos não precisavam afirmar. Se outrora houve um dizer de muitos que ressoava em significado, ou confirmavam uma linguagem coletiva, comum a todos e ao cosmos, esse dizer fora perdido pela divisão do sujeito. Perdeu-se quando da separação entre a sua alma e o seu corpo e entre o lugar que ele habita com todos os outros.

O corpo dividido aparece em nova imagem e na segunda metade do século XX, tornando-se palco para manifestações, críticas aos controles e aviso sobre o apogeu do individualismo. De acordo com Le Breton (2002), a construção da identidade do corpo surge no mundo contemporâneo devido ao “desenraizamento das antigas matrizes de sentido, fim dos grandes movimentos ideológicos, dispersão das referências de vida quotidiana, fragmentação dos valores e crescimento do individualismo” (Le Breton, 2002, p.15). O sujeito procura substituir o tecido social perdido pelo culto ao corpo. Mediante o uso do corpo, procura-se um novo rizoma social.

Em suas investigações com jovens, Le Breton (2002) ressaltou achados quanto ao corpo tatuado como lugar de poder individual e de expressão do sujeito. O corpo jovem tatuado é um corpo livre para além da patologia, ou da dor; trata-se de uma maneira de subverter padrões sociais, ou normas, de personalizar, individualizar ou fazer do corpo uma forma de arte. “A dor é sublimada pelo processo que acompanha a metamorfose que a tatuagem anuncia e a satisfação que ela provoca. A dor é investida como uma memória viva, imprime sobre o eu uma ação, longamente realizada” (Le Breton, 2002, p. 96).

### **Corpo, tatuagem e ritual coletivo**

Ortega (2008) aponta perspectivas encontradas na literatura que pretendem dizer sobre marcas ou impressões no corpo: a primeira perspectiva vê a tatuagem como um ato de consumir, da exposição corpórea e do mundo da moda, signo de carnaval. Tatuado é um modo de atuar que faz o sujeito tornar-se visível. “Um supermercado de estilo” (Ortega, 2008, p. 58) ou “carnaval de signos”, expressão tomada de empréstimo de Braudillard. O agir do sujeito segue o caminho da moda, sem significação. O agir do sujeito está ausente de significação, é uma imitação com ausência do próprio sujeito. Essa análise parece por demasiado empobrecida. Ortega (2008) suspeita que há algo mais complexo no uso da tatuagem. A dor provocada, a marca perene deixada no corpo, os símbolos impressos e nomeações eleitas indicam que o uso da tatuagem está para além de um simples produto pego em prateleira, ou de um produto adquirido no supermercado da moda. Sem concordar com nenhuma



destas perspectivas, o autor aponta uma perspectiva diversa. A tatuagem está muito mais próxima de uma busca de pertença social, em suas palavras, tatuar é 'ritual coletivo' sem que os sujeitos tenham consciência plena do ato.

O termo *nova idade* ganha aqui um destaque, pois ele não aparece nos estudos sobre adultos e idosos. Em nossa cultura, pessoas acima dos sessenta anos perdem o *status* atribuído ao corpo jovem. O corpo jovem tem *status* elevado, já o corpo envelhecido é visto com ausência de vigor e beleza, conforme ressalta Ortega (2008) "As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc." (p. 31). Os sujeitos são levados a olhar para uma norma higiênica ou a ouvir os discursos sobre o dever de cuidar do corpo e de torná-lo mais ativo ou mais saudável. Ao referir-se ao corpo idoso, fala-se de uma busca frenética para conquista de qualidade de vida.

O apresentado por Ortega (2008) remete a questionamentos sobre: qual a idade ideal para tatuar um corpo? Ou, o corpo tem uma idade ideal para ser tatuado? Para encontrar pistas nesse direcionamento, refletimos sobre o que ressalta Debert (2001) ao destacar como algumas culturas, incluindo a cultura brasileira, elege a juventude como valor. Eleição que deixa de fora o corpo envelhecido. Em uma perspectiva contrária a esta, vemos o corpo idoso imerso em experiências, que constitui o que chamamos de *nova idade*. A ideia de *nova idade* visa ressaltar que o envelhecer é tão novo para os sujeitos, como fora novidade a chegada da infância, da juventude e da vida adulta. A descoberta do corpo na puberdade inicia mudanças físicas e psicossociais que levam os sujeitos a estranhar-se diante da infância que fica para trás. O tornar-se adulto exige novas formas de lidar com o corpo na conquista da intimidade, na exigência do labor e da experiência da generatividade que se faz no cuidado com os outros (Erikson, 1998). O envelhecer também chega como novidade na vida dos sujeitos: há mudanças fisiológicas que provocam novas formas de lidar com corpo, já não mais tão ágil, mas com memórias de experiências e habilidades conquistadas. Nesse sentido, concordamos com que afirma Le Breton (2003) em *Adeus ao corpo*, em sua crítica à maneira como as tecnologias são usadas como meio de salvar as pessoas. Para ele, o tecnicismo é uma imposição que leva ao culto da *performance* corpórea, ensejada pelo mundo do valor da produção de coisas, do dinheiro e da velocidade. O corpo jovem ganha *status* valorativo por seu vigor e, principalmente, porque produz e consome coisas sem questionar a intensidade exigida no consumo e na produção (Debert, 2001). O caminho contrário ao tecnicismo é o da "da lentidão, da amizade, do diálogo e da contemplação" (Le Breton, 2003, p. 26). O corpo envelhecido tem vivências e saberes constituídos pelo movimento do contemplar que não pede correria. É outra maneira de construir.





Na década de 90, o envelhecimento do corpo parecia ser muito semelhante para muitos, como se houvesse um caminho linear. Hoje, não há um idoso típico, a experiência de envelhecer não está mais ligada à perda de capacidades funcionais (OMS, 2015). No processo de envelhecer, há um conjunto de fatores biopsicossociais que difere de acordo com a história de vida de cada um. O comprometimento funcional e a condição de independência podem variar de uma pessoa para outra. A senilidade que constitui um processo de envelhecimento secundário e gera perda das capacidades funcionais, pode acontecer durante a vida jovem. E a senescência, que se constitui por um envelhecimento primário ou natural, ocorre sem prejuízo da saúde, revela-se sem doenças.

O estatuto atribuído ao envelhecer insiste em afirmar perdas funcionais e deixa de fora histórias de vida e particularidades inerentes ao processo de mudanças corporais que não se revelam iguais para todos os sujeitos. Em nosso ver, a experiência do envelhecer inaugura uma *nova idade* em que o idoso está por descobrir, com a vantagem de utilizar experiências já vividas para lidar com um novo corpo. É o que Erikson (1998) chama de envelhecer com um grande privilégio. Para ele é necessário um ideal cultural viável para o envelhecer, para que experiência seja vista como um ciclo de vida em que a sabedoria é seu elemento maior.

Historicamente, a tatuagem como impressão não é domínio da juventude ou não esteve ligada a uma ideia de juventude. Desde os povos antigos, impressões no corpo foram utilizadas para decorar, adornar e curar doenças. O desejo de tatuar não encontra barreira de demarcação de idades. Parece que tatuar o corpo está muito mais para a transformação de uma forma de ética, anterior à Renascença, e menos para uma forma de estética, surgida na modernidade. "As marcas corporais, que foram sinais morais de rejeição ao mundo, passam a uma integração completa e, finalmente, a uma forma de elogio ao mundo" (Le Breton, 2002, p. 2): um mundo contemporâneo em que já não mais se afirmam antigas matrizes de sentido, ou em um mundo em que chega o fim as grandes teorias.

O fim das antigas matrizes de sentido também aparece no dizer de Bauman (2007). O autor ressalta uma espécie de elogio e rejeição ao mundo contemporâneo, e nos fez conhecer o mundo líquido, ou aquilo que ele chamou de efemeridade das relações sociais. O mundo da pós-modernidade, ou contemporâneo, tornou-se líquido. A liquidez diz respeito a verdades que são postas em crivo. Na liquidez, as identidades são frouxas, o medo é disforme, a ordem não tem rosto, o controle não é centrado e se espalha entre saberes e formas de poder. As relações são bastante voláteis. Não temos mais a certeza de um de viver junto com o controle de um sobre o outro, não há mais uniões para toda a vida nem trabalhos longos e quase perenes em um único lugar. As migrações acontecem em todas as áreas da vida, mudanças acontecem dia a



dia, elas são a constância. Os laços sociais se alicerçam em verdades que não são mais perenes. O que fica, o que se mantém? As impressões no corpo apontam para uma permanência, uma marca que não se apaga fácil ou se afrouxa? Se as identidades são instáveis, a estabilidade pode ser alcançada pelo desejo de impressão corpórea?

## Notas metodológicas

Este trabalho teve por finalidade apresentar os significados das tatuagens impressas, e as vivências dos sujeitos a partir da experiência dos seus corpos tatuados. Para tal, utilizamos as narrativas coletadas em uma pesquisa de desenho qualitativo. Participantes com idades entre 22 e 67 anos, foram entrevistados nas cidades de Salvador (10) e São Paulo (05). Foram 15 adultos, entre estes, 05 idosos, totalizando 15 entrevistas, das quais destacamos neste aqui algumas narrativas. O tamanho da amostra foi definido com base no ponto de saturação ou redundância, conforme ressaltam Fontanella e Turato (2008), perspectiva que permitiu a não inclusão de novos participantes quando os dados auferidos se apresentaram como já conhecidos ou redundantes. Todos os participantes foram selecionados por conveniência. Um roteiro semiestruturado conduziu formas de aproximação e aprofundamento no aporte dos dados. As investigações foram iniciadas após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa. Os relatos apresentados foram obtidos em situação de entrevista individual em espaços abertos ou públicos: em espaços públicos como praia, local em que os corpos tatuados puderam ser observados diretamente e entrevistas em casa, restaurantes, etc. A rede social das pesquisadoras favoreceu o contato direto com os participantes. No primeiro contato, foi explicitado o objetivo da pesquisa e, após aceite verbal, os (as) participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O termo destacou os objetivos da pesquisa, justificativa, riscos, procedimento para amparar o participante e benefícios. As entrevistas provocaram narrativas sobre: o que levou a fazer a tatuagem; local do corpo tatuado; a escolha da imagem para impressão; os significados das imagens; os olhares dos outros sobre o corpo tatuado, o olhar para si mesmo a partir do corpo tatuado. Os participantes puderam incluir suas percepções e indagações sobre a impressão da tatuagem, sem prejuízo para os propósitos da investigação. As entrevistas foram realizadas e gravadas em um tempo médio de 30 minutos. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2009). A pesquisa foi realizada com o apoio de algumas pesquisadoras/membros do grupo Família, (Auto) Biografia e poética - FABEP - da Universidade Católica do Salvador.



## **Narrativas e novos sentidos: impressões corpóreas e desejo de memória em completude**

Por meio das análises das entrevistas, ressaltamos que as tatuagens são impressas como um desejo de memória no corpo, ou o corpo consignado como arquivo: são impressos símbolos, lembranças de eventos significativos da vida, superação de perdas, afirmação de laços afetivos, pertença familiar e conquistas. Destacamos aqui as tatuagens que descrevem pessoas amadas, objetos, eventos que conservam vivências de alegrias e tristezas, natureza e lembranças de lugares. A família também aparece como a perpetuar o sentimento de pertencimento através do corpo: são imagens tatuadas com nomes de filhos, netos, homenagens a pais e mães como a eternizar sentimentos que podem escapar com o tempo e que se faz conserva de memória incorporada.

Imprimem-se no corpo sentimentos, apresentações de um novo olhar de si, que mudaram com o tempo, em idades novas, principalmente em vivências dos participantes acima dos sessenta anos. Por meio de suas narrativas estes revelaram vivências e significados novos, a partir da experiência de seus corpos tatuados. Ao tatuar-se, o corpo mudou sua forma e, com ele, a tatuagem também se modificou ou metamorfoseou a existência, porque a percepção de si transformou-se através do corpo tatuado.

Para alguns participantes entre vinte e trinta anos, a tatuagem entrou em suas vidas por impulso, por moda ou contágio, ou ainda, pela vontade de realizar de maneira repentina, atribuída ao momento. Para outros, entre vinte e cinco e quarenta anos, houve uma necessidade de mostrar que seu corpo não podia mais ser controlado por seus pais. A procura de uma busca por autonomia suscitou o desejo de imprimir no corpo mudanças que não deveriam escapar.

Os dados indicam que a impressão da tatuagem em nossos dias está mais próxima de um valor afetivo, do desejo de imprimir no corpo lembranças ou fatos que marcaram a vida. Não está exclusivamente ligada a um pertencer coletivo, mas a um movimento (auto) biográfico em que as histórias dos autores materializam, através das impressões corpóreas, lembranças marcadas por impressões do olhar para si, que se constitui em um individualismo ligado a uma crença social que, no dizer de Singly (2003), afirma-se mais na relação de uns com os outros: quando o individualismo crê em um laço, e se constitui por uma ligação com outro.

A ideia de completude em destaque neste trabalho pode ser aproximada à palavra arquivo. Em *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*, Derrida (2001) ressalta que o arquivo se faz necessário porque há um lugar de falta, ele preenche a falta originária e estrutural da chamada memória. "Não há arquivo sem um lugar de



consignação, sem uma técnica de repetição e sem certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior” (Derrida, 2001, p. 22). A tatuagem é impressão corpórea que se constitui pela repetição e exterioridade. O tatuado está sob as mãos daquele que repete uma técnica que marca a pele, colore, ornamenta e produz uma estética exterior de desejo.

Para Derrida (2001), o desejo se faz origem como busca de algo que falta, a partir da experiência de satisfação do sujeito. São derivações de traços de memória que se organizam. O arquivo nos remete à memória consignada, afirma lembranças de fatos, sentimentos que ficam guardados, postos em questão frente a chegada de um tempo não conhecido. Tatuado é imprimir, marcar o desejo diretamente no próprio corpo. Tatuado está mais próximo do desejo de memória completa, ou do desejo de imprimir no corpo algo que não se quer deixar escapar.

As narrativas dos sujeitos convocam um refletir sobre a memória, como um elemento, para além de uma recomposição de lembranças. Há algo entre a história oral e as memórias (Thompson, 1997). Parafraseando Bosi (1987), as vivências narradas a partir de corpos tatuados, revelam que os narradores retiram o que narram da própria experiência e a transforma em impressões corpóreas. As narrativas não são as únicas formas vivas de contar uma história e memorizá-la. As impressões no corpo completam as histórias e vivências dos sujeitos. Memorizar tendo o corpo como arquivo faz voltar ao passado, mas também afirma o valor presente das experiências dos sujeitos.

Essa mudança foi percebida por Helena<sup>1</sup> (dona de casa 67 anos). A tatuagem inscrita em seu corpo destaca o nome Revel. Este é o nome do seu anjo, foi a imagem escolhida por também ser o anjo do seu marido atual e do seu ex-marido. Ao lado do nome Revel, há quatro estrelas que simbolizam seus quatro filhos. Há também uma estrela maior que representa o seu atual marido. Nesse sentido, Le Breton (2002) ressalta que a tatuagem como signo de identidade afirma um ato individual que não se aproxima do individualismo sociológico, ou seja, não afasta os outros, mas inclui pessoas na afirmação de uma pertença coletiva.

Quando Helena fez a tatuagem ela se sentiu mais forte. A tatuagem em seu corpo afirmou um *empoderamento* e afirmação de si. Em suas narrativas:

Empoderamento, me senti até mais jovem, porque eu achei minhas amigas muito velhas para o que eu estava fazendo, primeiro porque o pai não deixava depois o marido não deixava, fazer a tatuagem. Ao fazer a tatuagem aos 50 anos eu sabia que eu teria que enfrentar tanto elogio como crítica. Foi a primeira vez que eu fiz uma coisa com o meu corpo que eu queria. Eu me senti uma mulher empoderada. A minha tatuagem foi o meu grito do Ypiranga. Me identifica e me faz chegar

---

<sup>1</sup> Todos os nomes dos (as) entrevistados (as) foram modificados neste trabalho.



mais perto da vida. Eu acho que eu na minha idade, eu não fiz a tatuagem porque eu já era madura, eu amadureci a partir da tatuagem. Eu sou muito melhor avó. Eu fui impedida de ser e passei a ser eu com a tatuagem (Helena, dona de casa 67 anos).

Quando referiu sobre ser impedida de ser, ela afirmou a pouca autonomia que tinha sobre seu corpo. Ela nunca teve liberdade por escolhas pelo fato de ser mulher. Na década de 60, o corpo foi objeto de discussão pelo movimento feminista, pelo advento da pílula e da ideia de revolução sexual. O corpo também se tornou instrumento de arte ou advento *body art* (Renaut, 2014; Le Breton, 2002). Helena referiu essas mudanças, que ela jamais pode realizar. O seu corpo não lhe pertencia quando jovem; quando se tornou mãe, deixou de lhe pertencer pela maternidade, sentia que ela não estava ligada ao seu corpo, porque não estava autorizada a fazer o que queria com ele, não se sentia inteira, completa. Nesse sentido, havia uma dívida consigo mesma e a tatuagem em seu corpo afirmou o lugar de sua liberdade no seu espaço social. Ter feito a tatuagem constitui uma ação que afirmou sua escolha, o que ela pode fazer com o corpo, que se tornou seu. A idade em que fez a tatuagem lhe pareceu um ato de coragem bem maior do que ter feito quando jovem. Helena tatuou-se aos 50 anos, em uma idade que percebeu que o seu corpo perdeu o *status* de valor. Ela estava mais próxima de uma ação de avó que poderia olhar para tatuagem de uma neta, ao invés da tatuagem em seu corpo. Mas havia uma dívida que ela não podia furta-se de realizar: realizar o desejo de tatuar-se. A sua tatuagem causou essa impressão. A liberdade de Helena não se constitui por uma liberdade sem vínculos, pois, nela, ela afirma a relação de dependência com os outros, mas sua marca de criação, a impressão no seu corpo, e do seu corpo se amplifica. A tatuagem afirma uma memória, de um novo significado de si que ela não quer perder a lembrança. É o que Le Breton (2004) chama a atenção quando ressalta o signo cutâneo como uma memória incorporada. Traduz-se como uma maneira de atenuar a turbulência da passagem de uma condição de sujeito para outra. A superfície do corpo se torna uma grande testemunha das experiências, carregada de significados. Retrata momentos de passagem, etapas da vida, conquistas ou sofrimentos, enfatiza uma trajetória pessoal, tornando-a recordação de uma existência particular. O desejo de tatuar aparece como um desejo de arquivo de memória impressa. Imprimir em um espaço constituído – o corpo –, para dar lugar a impressões.

A superação de perdas, a afirmação de laços afetivos, o sentimento de pertença familiar e conquistas também foram vividos por Ana Maria. Ela fez a primeira tatuagem aos 30 anos. Fazer a tatuagem afirmou-se por uma necessidade de mudança, uma busca por liberdade e novos horizontes em sua vida: “*Eu fui traída, aí fiz uma tatuagem arco-íris com pôr do sol, queria mudar tudo, recomeçar*” (Ana Maria, funcionária pública, 64 anos). Para Ana Maria, a tatuagem arco-íris tem um



significado: metamorfose. Acontecimentos que marcaram a sua vida, marcaram também o seu corpo. O mesmo aconteceu quando seus pais morreram. Ana Maria procurou um tatuador para fazer uma tatuagem em homenagem a eles.

Passaram-se anos e fiz a segunda tatuagem quando perdi minha mãe e o meu pai. Fiz uma fada nas costas, um duende. Meus pais eram meus duendes. Pessoas amadas que tornavam tudo o que eu tinha em realidade, eu tinha amor, eu tinha carinho eu tinha coisa material e eu tinha essa fada com Carlos e Ana. Amor além da vida. (Ana Maria, funcionária pública, 64 anos).

Aos 50 anos, Ana Maria fez novas tatuagens em sua perna: são flores e borboletas, elas marcam uma fase em que Ana Maria estava muito feliz. Nos anos seguintes, em uma nova relação com o seu corpo que sofreu mudanças pelo processo de envelhecer, ela fez quatro tatuagens no braço direito com as iniciais dos nomes dos seus netos homens e quatro tatuagens em seu braço esquerdo com as iniciais dos nomes das suas netas mulheres. Ela acredita que as tatuagens deixaram seu corpo mais bonito, mas o envelhecer deforma:

Se eu não estivesse tão idosa, eu deixava minhas tatuagens aparecendo. A idade deforma a tatuagem, o sol escure a tatuagem, tem que retocar. Gosto muito da tatuagem, ela deixa o meu corpo bonito, mas eu acho que eu já estou ficando com idade e tenho muitas rugas e elas vão perder a beleza, vai deformar a tatuagem. Agora eu fiz a tatuagem nos lugares onde é mais difícil enrugar e também onde você pode vê a tatuagem, o nome dos meus netos e netas aparecem mais. (Ana Maria, funcionária pública, 64 anos).

Ao ressaltar o corpo envelhecido, rugas e perda da beleza da tatuagem, Ana Maria nos leva ao apresentado por Ortega (2008) no que ele diz sobre práticas bioascéticas: as que levam os sujeitos a constituir uma incerteza sobre seu corpo ou a eleição de uma beleza corpórea por uma estética ideal; o corpo envelhecido aparece como imagem da falta e ausência da beleza. A primeira tatuagem de Ana Maria passou a ser vista, por ela, como deformada. Ela tem o desejo de tornar mais vivas as cores do seu arco-íris, assim como do seu corpo envelhecido. A ideia de um corpo envelhecido que não é mais belo a fez escolher lugares que a tatuagem não se deforme. A busca por uma completude, algo que permaneça belo na lembrança e no corpo, afirma-se nas impressões feitas em seu corpo.

Guilherme fez a tatuagem quando estava com seus amigos. Eles tocavam juntos em uma banda de rock e um tatuador conhecido se ofereceu para tatuar toda a banda no mesmo dia. Guilherme escolheu a imagem de um dragão chinês:

Na época, eu participava de uma banda de pop-rock, e um dia o tatuador veio e ficou hospedado na casa dos caras. Ele tatuou todo



mundo de graça. Resolvi fazer de repente, o tatuador estava lá e fiz. Cada um escolheu uma coisa, eu escolhi um dragão no braço, para eu tocar guitarra e a tatuagem aparecer. E escolhi um dragão porque ele é um símbolo de sabedoria antiga (Guilherme, músico, 63 anos).

Guilherme jamais havia pensado em se tatuar, tatuou-se por acaso. Sua tatuagem significa uma lembrança vivida com os amigos. Quando Guilherme refere sobre sua tatuagem, aparece o significado de pertença a um grupo ou a lembrança de laços de amizade. A impressão no corpo parece carregar a memória de um tempo em que o laço social com os amigos afirma-se com grande valor.

A tatuagem como forma de afirmar uma pertença a um grupo é tida por Le Breton (2002) e Ortega (2008) como uma forma inconsciente de constituir um laço coletivo. Nas palavras do segundo autor, a tatuagem “fornece a ilusão de uma estabilidade cultural e social e são tipicamente usadas em situações em que as pessoas sentem a necessidade de preservar suas identidades individuais e sociais” (Ortega, 2008, p. 61). Com o tempo a imagem escolhida por Guilherme ficou desbotada e ele não se preocupou com a forma que ela tomou. Em suas narrativas, ele descreve olhares e dizeres sobre sua tatuagem que afirmam a deformação, mas ele não se importa com a impressão corpórea envelhecida:

Ela tá velhinha, meio borrada. Quando eu ainda estava na banda, o pessoal falava que “era um dragão, virou repolho”. Já até me perguntaram se eu faria outra por cima para corrigir, mas eu disse que é para ficar assim. É *minha lembrança* de um tempo que não volta mais. (Guilherme, músico, 64 anos).

O envelhecer do corpo tatuado é também o envelhecer da tatuagem. A cor e a forma mudam e dão lugar para novas impressões de olhares. A tatuagem se modifica pelas vivências. Para Guilherme, o seu corpo envelhecido é como sua tatuagem: não podem ser apagadas as impressões vividas, nem pode ser alterada a impressão da tatuagem que mudou de cor, porque seria uma forma de deixar de memorizar o vivido. As experiências da nova idade revelam um valor que não está fora do sujeito. A marca corpórea não é um jogo que se joga e se inicia novamente. Há uma busca pelo prazer de usar o corpo conforme o desejo. Buscam-se os limites do corpo no afã de encontrar uma nova relação com o real. Essa busca foi iniciada por Constância. Ela tatuou o seu corpo quando tinha 40 anos. Vasculhou diversas coisas e após uma busca de algo que fizesse sentido, encontrou a flor de lótus. O significado da flor lhe deu a certeza da impressão que queria deixar:

Vi uma flor de lótus. Eu achei bonita aquela flor e fui pesquisar sobre a flor de lótus. E eu me lembro, vagamente, que na própria gravura tinha escrito que a beleza está em todos os lugares, inclusive no pântano. Ela



é uma flor belíssima, mas que fica com as raízes na lama. E eu sempre tive uma ideia que as pessoas são assim. Mas o que me chamou a atenção na flor de lótus foi essa possibilidade de sermos belos independentemente do ambiente em que estamos ou de onde viemos. E isso representa o que eu creio, o que eu acredito, e quis colocar isso como algo que me representasse, que ficasse no meu corpo (Constância, psicóloga, 62 anos).

O envelhecer e o corpo visto sem o vigor da juventude trazem, para Constância, uma reflexão sobre a impressão do olhar do outro sobre sua tatuagem. Ela escolheu um lugar em que só pessoas muito próximas podem ver. A tatuagem representa sua crença encarnada: o desejo de ver a beleza do humano mesmo que o ambiente esteja feio, arrastado pela feiura da desesperança. A flor representa sua crença. Ela precisa estar impressa para não escapar.

Gustavo fez sua primeira tatuagem aos 16 anos, em homenagem ao seu pai, último presente deste, feita após a sua morte. Sua vontade de homenagem o levou à impressão, no corpo, dos seus sentimentos e a fazer do corpo um lugar de memória completa. Passados mais de trinta anos, ele está em processo de impressão da sua segunda tatuagem: um símbolo Maori. Esta tatuagem foi feita para homenagear o nascimento dos seus filhos, para que ele jamais possa esquecê-los. Para Gustavo, a tatuagem tem que ser protegida, não pode ser exposta a todos os olhares:

Na frente, todos elogiam, mas o que pensam, não se sabe. Você não diz para o outro que a arte dele é feia. Todo mundo acha, entende como uma arte. Ninguém acha que vai deixar o corpo feio, você acha que vai ficar mais legal, algo que te atrai, você quer... (Gustavo, Arquiteto, 40 anos).

Há um cuidado em não mostrar as tatuagens em locais em que haveria um julgamento não positivo, a exemplo do local de trabalho. *“Só no trabalho ela não pode aparecer. Não vou deixar margem, no mundo executivo, para perguntas sobre isto. Todas as minhas tatuagens são tampáveis”* (Gustavo, Arquiteto, 40 anos).

Renaut e Galliot (2014) ressaltam que os tatuados sabem que o local escolhido para a impressão da imagem no corpo, revela o estigma associado às impressões corpóreas. A tatuagem é bem-vista ou malvista, a partir do contexto onde pode ser mostrada e aceita. O espaço laboral aparece como de maior fronteira ou motivação para ocultar o corpo tatuado. Neste, corpos tatuados são protegidos. Há o medo de julgamento de caráter, da aproximação da imagem de um corpo tatuado a ações de má conduta. Muitos tatuados ocultam a impressão corpórea para evitar comentários pejorativos, para não suscitar desrespeito, para não ser excluído, etc. A impressão no corpo tem de ser protegida, mesmo que afirme homenagens às suas famílias, homenagem para um pai e filhos. Para Gustavo tatuar o corpo é também preparar-se





para a escolha do lugar onde ele pode dizer o que sente e sobre o que o seu corpo pode revelar. Os símbolos impressos em seu corpo e seus sentimentos precisam ser protegidos, porque conferem um ato de conserva de sentimento, do valor atribuído às pessoas que ele ama.

A mesma experiência foi vivida por Ricardo. O local de sua primeira tatuagem, aos 17 anos, foi abaixo da cintura. Um local não perceptível aos olhares dos outros, principalmente não perceptível ao olhar dos seus pais. As tatuagens impressas por ele são símbolos da paz, do amor e do equilíbrio, mas ele não podia revelar. *"Acho que é o que todo mundo busca a paz, o amor e o equilíbrio. Quis fazer uma tatuagem com o que eu ansiava: a paz, o amor e o equilíbrio. Acho que uma vida estável, mas fiz escondido dos meus pais"* (Ricardo, administrador, 24 anos). Quando Ricardo fez a segunda tatuagem, escolheu fazer em um local visível, ele já queria exibir. *"Fiquei um pouco rebelde. Eu passei a perceber que não era mais uma criança, um adolescente, que eu podia fazer minhas próprias escolhas, e eu me privava disso, mas, não com o consentimento, eu avisei a eles"* (Ricardo, administrador, 24 anos). A narrativa de Ricardo está próxima ao que ressalta Le Breton (2002) sobre jovens que fazem tatuagens como uma forma de adquirir autonomia. Uma maneira simbólica de tomar posse de si mesmo. O corpo dado por seus pais precisa ser modificado. Há uma busca por uma pele nova, um querer pelo controle sobre sua existência. A segunda tatuagem feita por Ricardo foi impressa dois anos após a primeira; ela traz um símbolo de um cachorro-caveira mexicana. Para ele, está impressão significa lealdade, algo de muito valor em sua vida: *"Eu sou apaixonado por animal, cachorro, principalmente. Além de significar lealdade"*. A terceira tatuagem impressa no seu corpo são tartarugas, estão localizadas no braço, logo abaixo do cachorro. Para Ricardo elas complementam a tatuagem anterior. *"Tartaruga significa longevidade"*. Estabilidade e conserva afirma-se na vivência do seu corpo tatuado.

Conserva de lembranças também são significações reveladas por Breno. Ele tem quatro tatuagens. A primeira fez aos 15 anos, depois aos 19 anos, a terceira aos 21 anos e quarta tatuagem aos 24 anos. As tatuagens afirmam um sentimento que ele tem dentro de si. A primeira tatuagem foi feita nas costas, onde foi impresso o símbolo de uma banda californiana *Penny Wise*, capa do *Steady Ahead*, significa: siga em frente, aconteça o que acontecer, siga. A segunda e terceira tatuagens foram feitas na perna, na panturrilha, e foram impressas em partes: primeiro o OM, símbolo indiano, que significa começo e fim de tudo, som universal e o grande início. Depois foi feita a Flor de Lótus, única flor que nasce no mangue e representa beleza que nasce da sujeira: *"Acho que, no começo, era para ter a experiência, mas depois que fiz a primeira, vi que tinha significado maior, mostrar um sentimento de algo que tinha dentro de mim"* (Breno, Promotor de vendas, 29 anos). A quarta tatuagem



escolhida por Breno foi o nome das suas filhas. Elas estão impressas em memória, na parte interna dos seus dedos da mão: "*O nome das crianças para lembrar que tenho minhas crianças*" (Breno, Promotor de vendas, 29 anos). A impressão de Breno nos traz a afirmação do desejo de memória em completude. Impressões que completam, que estarão sempre ao alcance dos seus olhos e dos outros se a memória não lembrar.

Em Freud (1920/1996), o desejo é o aparelho psíquico da memória. Contar sobre a experiência vivida afirma a memória, ela é anterior ao desejo de eternizá-la. A memória é condição para o desejo, naquilo que ela pode faltar. As diferentes idades em que as tatuagens são feitas revelam, em alguns participantes, uma espécie de moda ou contágio, mas não se confirma quando eles realizam novas impressões no corpo. Nas narrativas de Suzana, a primeira tatuagem foi feita de modo casual; ela fez por curiosidade, estava passando por um estúdio conhecido e decidiu no ímpeto, resolveu fazer no pé a frase: "*Só por hoje...*" (Suzana, Servidora Pública Federal, 36 anos). Significa o registro de uma lembrança que ela quer eternizar: toda tristeza pode durar apenas um dia.

Suzana tem quatro tatuagens: são frases impressas, e uma figura de uma ovelha negra. Nesse sentido, o ímpeto ou contágio de um modismo perdeu lugar para afirmação de uma memória completa, para não ser mais esquecida:

Na época, eu estava em uma situação de mudança de cidade, num período muito difícil de adaptação, andava muito triste, então, eu coloquei 'só por hoje' pra me lembrar que toda tristeza era só por hoje, que amanhã será um novo dia, isso me ajudou. Com o tempo essa ideia foi evoluindo, eu fui melhorando e comecei a ver que não só a tristeza, mas a alegria também é só por hoje, então eu passei a aproveitar todos os momentos, que também é só por hoje... Eu gostei muito dessa tatuagem. Ela acabou virando um orgulho" (Suzana, Servidora Pública Federal, 36 anos).

O desejo de memória também está na narrativa de Marcela. Ela tem nove tatuagens impressas em seu corpo. Para ela, "*Muita gente faz tatuagem pelo estético, mas eu não, faço pelo significado, porque foi uma fase importante da vida e você nunca vai apagar uma fase importante de sua vida. Marcela fez sua primeira tatuagem aos 16 anos. Significa o signo. Acho que, na época, o signo significava quem eu era. Signo como base de quem eu sou*" (Marcela, estudante, 26 anos). A segunda tatuagem foi feita aos 18 anos, na base do pé. Símbolo Maori, um anzol que significa prosperidade, identificação e família. A família de Marcela viveu muitos anos da pesca e no desenho tem um sol que é luz e uma tartaruga, representando sua família. Dentre as impressões em seu corpo, a tatuagem que mais se destaca em Marcela, foi realizada por uma técnica denominada pontilhismo. Constitui sua sétima



tatuagem, feita de pontinhos: "*Significa de onde eu vim até onde quero chegar*" (Marcela, estudante, 26 anos). Esta tatuagem é formada por uma série de tatuagens que ocupam suas costas. São cinco rosáceas, mandalas:

A tatuagem se inicia com um núcleo não desenvolvido, geométrico, em que você é muito ligado ao que passou e, à medida que se desenvolve mais acima, você tem ligação, mas não está preso, não usa mais como justificativa. Dá impressão de que a última é maior do que a primeira, mas são todas do mesmo tamanho" (Marcela, estudante, 26 anos).

Para Marcela, há algo em sua vida que faz começar, com um núcleo não desenvolvido, geométrico. Inicialmente, há uma ligação com o que se passou, mas à medida que a pessoa se desenvolve, e novas experiências são vividas, há uma ligação, mas não ficamos mais presos, não usamos mais como justificativa para o que somos. Ela diz:

Temos a impressão que a última tatuagem é maior do que a primeira, mas são todas do mesmo tamanho: o interior está se desenvolvendo e a impressão é que parece maior. Já aforei, já nasci, meu broto está aqui e agora estou traçando um caminho para me expandir e estou me abrindo para um mundo novo. Eu estou no mundo que aflora, donde o mesmo símbolo embaixo e em cima, está crescendo uma florzona, vou desflorar mesmo" (Marcela, estudante, 26 anos).

A oitava tatuagem, impressa no corpo de Marcela, traz a imagem de um olho com um pássaro envolto. O desejo de memorizar no corpo, de encarnar vivências se revela com seu maior significado.

## **Considerações finais**

Neste estudo, ressaltamos que as impressões nos corpos tatuados apresentam narrativas dos significados das tatuagens que trazem a história dos sujeitos. As escolhas estão carregadas de significações afetivas, estando intimamente relacionadas às memórias e experiências dos sujeitos quando do desejo de marcar o corpo. Muitas delas privilegiaram o sentido particular, do qual a tatuagem fez-se símbolo. Imprimir uma impressão no corpo se tornou uma forma de se fazer eternizar. Estar presente para realizar coisas não é mais suficiente, é necessário causar impressão não só pela exterioridade, mas pela completude de uma lembrança marcada no corpo.

Em significações que afirmam tatuagens como signos de identidade (Le Breton, 2000) e pletora de pertencimento (Ortega, 2008), as impressões corpóreas na contemporaneidade parecem negar o afrouxamento dos laços: elas afirmam a solidez de lembranças. Se os laços sociais se alicerçam em verdades que não são mais



perenes, o que permanece, o que se mantém são impressões no corpo, impressões que apontam para uma permanência, uma marca que faz do corpo arquivo vivo em diferentes idades. Se as identidades são instáveis, a estabilidade pode ser alcançada pelo desejo de memória em completude.

Há um agir sobre o corpo que incorpora novas linguagens, distantes de práticas bioascéticas ou de um corpo em que os sujeitos não são agentes de um próprio valor de cuidado. Ao contrário, os sujeitos cuidam do seu corpo tatuado. É outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social (Le Breton, 2002).

Embora a tatuagem ainda seja escondida e protegida do olhar de muitos, para não cair no jugo como um ato transgredido, a tatuagem também é vista como arte e, de modo mais significativo, como algo a eternizar, para que não se perca ou não desapareça, caso a memória não possa ser mais capaz de funcionar.

As vivências e significados de adultos e idosos que aqui destacamos apontam para uma busca constituída pelo desejo de memória, uma forma de eternizar lembranças, como uma nova linguagem em comunicação, que se faz pelo corpo como arquivo. Esta significação fora apontada por Le Breton (2002). Nossa investigação nos levou a apresentar a tatuagem para além de desejo de memória: há uma busca como desejo de memória completa, que se faz eternizar em vivências encarnadas. O corpo como arquivo e lugar de impressão completa significados em idades dispares, de sujeitos que se afirmam pelas vivências, para além das deformações.

Ainda que seja relevante a marca no corpo jovem, e ainda se aponte a perda da beleza ou a deformação da tatuagem com o tempo, significações do corpo tatuado de idosos e adultos afirmam uma busca ou o desejo de eternizar no corpo memória de sentimentos. A nova idade ou o envelhecer apontam, neste trabalho, para linguagens que ressaltam mudanças sobre o corpo: o corpo sentido, visto por impressões afetivas e decorado por mulheres para enaltecer a liberdade, o empoderamento e a afirmação de si. Neste sentido, este estudo pretendeu destacar vivências e significados que vão além do idadismo; o corpo adulto jovem e o corpo adulto envelhecido revelam impressões para imprimir memórias completas.

A tatuagem como impressão corpórea não transitória seria a negação de uma modernidade líquida. O corpo tornou-se a matéria prima para impressão; o corpo modela-se pelo lugar em que vivemos e pelo momento que passamos. O corpo se tornou um acessório da presença para fazer eternizar o que representa o próprio sujeito. A tatuagem transforma-se em memória, se faz perene em um corpo presente. Não há como o sujeito deixar escapar uma lembrança, um sentimento de valor ou experiência que deseja eternizar. A impressão das lembranças e sentimentos estão marcadas no corpo como uma forma de memória completa que jamais serão esquecidas.



As perspectivas aqui apresentadas ressaltam alguns aspectos sobre impressões corpóreas e suas repercussões para sujeitos adultos e idosos. Há diferentes abordagens para a compreensão dessas linguagens. Não pretendemos com este estudo constituir uma forma de compreensão comum ou afirmar uma verdade sobre tatuagens em adultos e idosos; nossa amostra nos permitiu apenas levantar discussões sobre diferentes modos de linguagens em que o corpo aparece como arquivo de um desejo de memória em completude. O idadismo entre os sujeitos não se apresentou com relevância, situou significações a partir de subjetividades. Outras perspectivas se fazem necessárias para suscitar questionamentos sobre tatuagens em corpos jovens e envelhecidos. As impressões no corpo ou marcas que se apresentam pelas tatuagens apontam para novas práticas ao se fazer eternizar.

## Referências

- Armstrong, M., Deboer, R. N. & Cetta, F. (2008). Infective endocarditis after body art: a review of the literature and concerns. *Journal of Adolescent Health, 43*(3), 217-225.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70 (Original publicado em 1977).
- Barros, S. (2015). *Tatuagem urbanas e o uso de piriquetes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Design e Ergonomia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 2005).
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade. lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos, 16*(34), 49-70.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (C. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro. Relume Dumará (Original publicado em 1995).
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 1968).
- Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1997).
- Fonseca, A. L. (2003). *Tatuar e ser tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.



- Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.
- Freud, Sigmund (1996). Além do princípio do prazer. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume 18* (pp. 11-77). Rio de Janeiro, Imago Editora (original publicada em 1920).
- Galliot, S. (2014). From global to marginal, all tattooed. In Musée du Quai Branly. *Catalogue Tatoueurs, Tatoués Actes Sud* (pp. 15-45). Paris: Musée du Quai Branly.
- Le Breton, D. (1990). *Antropologie du corps et modernité*. Paris: PUF.
- Le Breton, D. (2002). *Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo* (M. Appenzeller, Trad.). 3ª ed. Campinas, SP: Papirus (Original publicado em 1999).
- Le Breton, D. (2004). O corpo como acessório da presença: notas sobre a adolescência do homem. *Revista de Comunicação e Linguagem*, 33, 67-81.
- Oliveira Dias, T. M. (2014). *Tinta e dor: a prática da tatuagem na construção da identidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, RN.
- Organização Mundial da Saúde (2015). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Genebra, Suíça: OMS.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- Renaut, L. (2014). From global to marginal, tattooing in Antiquity. In Musée du Quai Branly. *Catalogue Tatoueurs, Tatoués Actes Sud* (pp. 69-115). Paris: Musée du Quai Branly.
- Revista Pesquisa FAPESP. As mais antigas tatuagens figurativas. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 266, Abril, 2018.
- Singly, F. (2003). *Les uns avec les autres: quand l'individualisme crée du lien*. Paris: Armand Colin.
- Thompson, A. (1997). *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. São Paulo: EDUC.



## Nota sobre os autores

*Marlene Brito de Jesus Pereira* é psicóloga. Mestre e Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica de Salvador – UCSal e EHES em Paris (2014). Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UniRuy – Wyden. Fundadora e psicóloga clínica do La Vie Instituto de Psicologia, Psicanálise e Ensino em Humanidades, Salvador. E-mail: [marlene.britop@uol.com.br](mailto:marlene.britop@uol.com.br)

*Elaine Pedreira Rabinovich* é psicóloga. Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1997) e pós-doutorado na mesma instituição (1998). Professora do Programa de Pós-graduação em Família e Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador – UCSal. E-mail: [elainepedreira@gmail.com](mailto:elainepedreira@gmail.com)

Data de recebimento: 23/07/2018

Data de aceite: 28/10/2019